CEDEM O REPORTER DE GUARULHOS OUTUBRO DE 1979 N 18

3 Cruzeiros

Abrasivos já assinaram acordo
Página 5

SEM 83% DE AUMENTO NÃO HAVERÁ ACORDO

Os metalúrgicos deram a volta por cima e decidiram: a luta é por 83 por cento, acompanhando as decisões de São Paulo e Osasco. Agora, a campanha volta-se para as fábricas e a Comissão de Mobilização já tem sugestões para manter as bases mobilizadas.
Páginas 4 e 5.

O REPÓRTER de GUARULHOS
O jornal da cidade
ANO III — Nº 18 outubro de 1979 Cr$ 3,00

Cumbica se arma para derrubar o aeroporto

página 3

Uirapuru paga e Prefeitura não recolhe o lixo

página 7

Kan Kise fala: a política vai mal, obrigado!

página 6

Essa abertura não foi feita para operário

página 2

Melt campeã do I Torneio da Solidariedade

página 6

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

POLITICA

Momento político exige definições

Há algumas semanas atrás, o governador Paulo Salim Maluf levou para Brasília dezenas de deputados do MDB para participarem de um «banquete» que ele ofereceu ao presidente Figueiredo. Os jornais noticiaram que, dentre estes adesistas do MDB, estava o deputado guarulhense Francisco Dias. O deputado, com uma rapidez que é rara em seus posicionamentos, se apressou em desmentir que estivesse presente ao «banquete» de Maluf.

Se o deputado Dias foi incluído nessa lista é por causa de suas atitudes excessivamente brandas para com o governo, como demonstrou no episódio da escolha do prefeito de São Paulo, em que o professor ficou o tempo todo em cima do muro, só se definindo no último momento para votar contra o protegido de Maluf.

E os que elegeram o deputado, esperam dele, no mínimo, um posicionamento claro, preciso e objetivo nos interesses da população de Guarulhos, o que inclui uma oposição total à política anti-povo de Maluf, a qual todos nós conhecemos muito bem. Se o deputado agir dessa maneira, certamente não dará margens a «mal-entendidos» que sua conduta tem permitido.

E como diz aquele velho ditado popular: «Onde há fumaça, há fogo».

* * *

Com exceção de alguns poucos vereadores e do ex-deputado federal Frederico Brandão, nenhum político guarulhense que se diz contra o aeroporto foi visto no encontro dos moradores na igreja do Jardim Presidente Dutra, no penúltimo domingo de setembro, quando se traçou os rumos da campanha do «Aeroporto Não» daqui por diante.

Justo no momento em que a campanha começa a ganhar força e que o importante passa a ser a ação concreta, essas «personalidades» da cidade, que nunca perdem oportunidade para fazer pomposas declarações em seus gabinetes, começam a ficar em cima do muro e fogem a qualquer compromisso na hora de botar a mão na massa.

Essas pessoas foram denunciadas aos moradores no encontro da igreja do Jardim Presidente Dutra e é bom que os que estão lutando para impedir que suas casas sejam desapropriadas saibam quem está de seu lado e quem está fazendo o jogo duplo. Já se comenta por aí que muitos desses «políticos» estão torcendo pra vinda do aeroporto, pensando que com isso seu prestígio vai crescer. Puro engano.»

A farsa do novo cálculo salarial

Ainda este mês, deverá acontecer a primeira grande manifestação contra a nova política salarial do governo: estão sendo programados atos de protestos em todo o país contra o projeto governamental que modifica a legislação salarial. a data definitiva já foi marcada: será dia 19 de outubro. Em São Paulo, a concentração será na Praça da Sé. E a intenção é reunir um grande número de trabalhadores, mais do que qualquer outro ato público já realizado no país nos últimos tempos. Além disso, os principais líderes sindicais estão pensando em formar grandes caravanas de trabalhadores que irão à Brasília, provavelmente na data em que o projeto for votado pelo Congresso Nacional.

Essas duas medidas indicam que o movimento sindical brasileiro ou, pelo menos parte dele, não engoliu a balela dos reajustes semestrais da forma como foi proposta pelo governo. Afinal, a grande jogada desse projeto é desmobilizar os trabalhadores, confundindo e desarmando o movimento sindical. O projeto, aparentemente, beneficia os trabalhadores de menor renda já que concede aumentos maiores para quem ganha menos. Só que essa suposta «distribuição de renda» será feita às custas do trabalhador porque, na verdade, o que se propõs é a distribuição de salários e não da renda já que não se toca nos lucros dos patrões.

Outra questão que está iludindo muitos trabalhadores, mas que deve ser muito bem analisada, é a forma como serão dados esses reajustes. O projeto determina que os aumentos sejam calculados com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor que vai ser levantado pelo IBGE e para onde Delfim Neto já levou um homem de sua confiança. O projeto deixa claro que esses índices **não são negociáveis.** *O governo baixa os reajustes de acordo com o IBGE e o que resta para ser negociado é apenas o índice de produtividade que ninguém sabe como vai ser calculado. isso reduz consideravelmente a porcentagem a ser negociada nos dissídios. Num aumento de 50 por cento, por exemplo, mais de 40 por cento vão ser baixados como «pacote» pelo governo, ficando pouco mais de 50 por cento para a negociação. E é claro que fica difícil para uma categoria decidir-se por um movimento mais amplo, como uma greve, por causa de uma diferença de 1 ou 2 por cento no cálculo da produtividade. Por isso, o projeto do governo coloca, ou tenta recolocar, uma camisa-de-força no movimento sindical, justamente no momento em que ele cresce, se organiza e se fortalece. Mas, a aplicação ou não dessa política salarial vai depender fundamentalmente dos trabalhadores. Mesmo que o projeto seja aprovado pelo Congresso, na prática, os trabalhadores podem derrubá-lo, obrigando os patrões a aceitarem a negociação direta. Isso vai depender do grau de organização. Bem organizados e usando as formas de pressão que dispõe, os trabalhadores podem jogar o projeto no lugar para onde ele deveria ter sido desde o momento em que foi idealizado: a lata do lixo.*

As greves e a estratégia da repressão

Os últimos movimentos grevistas ocorridos no país e a forma como estão sendo enfrentados pelo governo, revelam que estamos vivendo uma nova realidade. Os trabalhadores têm partido para as greves com um disposição e combatividade cada vez maiores e, em compensação, o governo baixa o pau com mais vontade. É bem verdade que a desorganização de algumas greves tem contribuindo para facilitar a repressão tanto a nível legal como policial. Despreparadas, algumas categorias não sabem como reagir quando o governo intervém nos sindicatos, afasta diretores ou simplesmente manda a polícia baixar o pau nos grevistas. Aqueles que achavam que o governo passaria a adotar formas mais sutis e mais sofisticadas de repressão se enganaram. A prática demonstra que, ao invés de limitar, o governo ampliou o campo da repressão, combinando várias formas de ação que vão desde os artifícios jurídicos até a mais brutal pancadaria da polícia. Exemplos disso foram as recentes greves dos bancários do Rio Grande do Sul, de São Paulo e a greve dos metalúrgicos de Minas Gerais.

Mas, o que essa nova realidade monstra é que os campos de luta estão ficando cada vez mais claros e definidos: de um lado os trabalhadores com suas reivindicações e, de outro o governo e os patrões com seus dispositivos de repressão. E, a repressão tende a aumentar na medida em que crescerem as pressões da classe trabalhadora por melhores salários e melhores condições de vida. Essa relação entre reivindicação e repressão só vai acabar quando os trabalhaodres inverterem a situação a seu favor, criando o seu governo. Um governo defende sempre os interesses de uma determinada classe e não de toda a sociedade. Se algum tiver dúvidas, procure saber porque os patrões burlam as leis, não cumpre acordos, e continuam gozando de toda a liberdade.

O REPÓRTER de Guarulhos

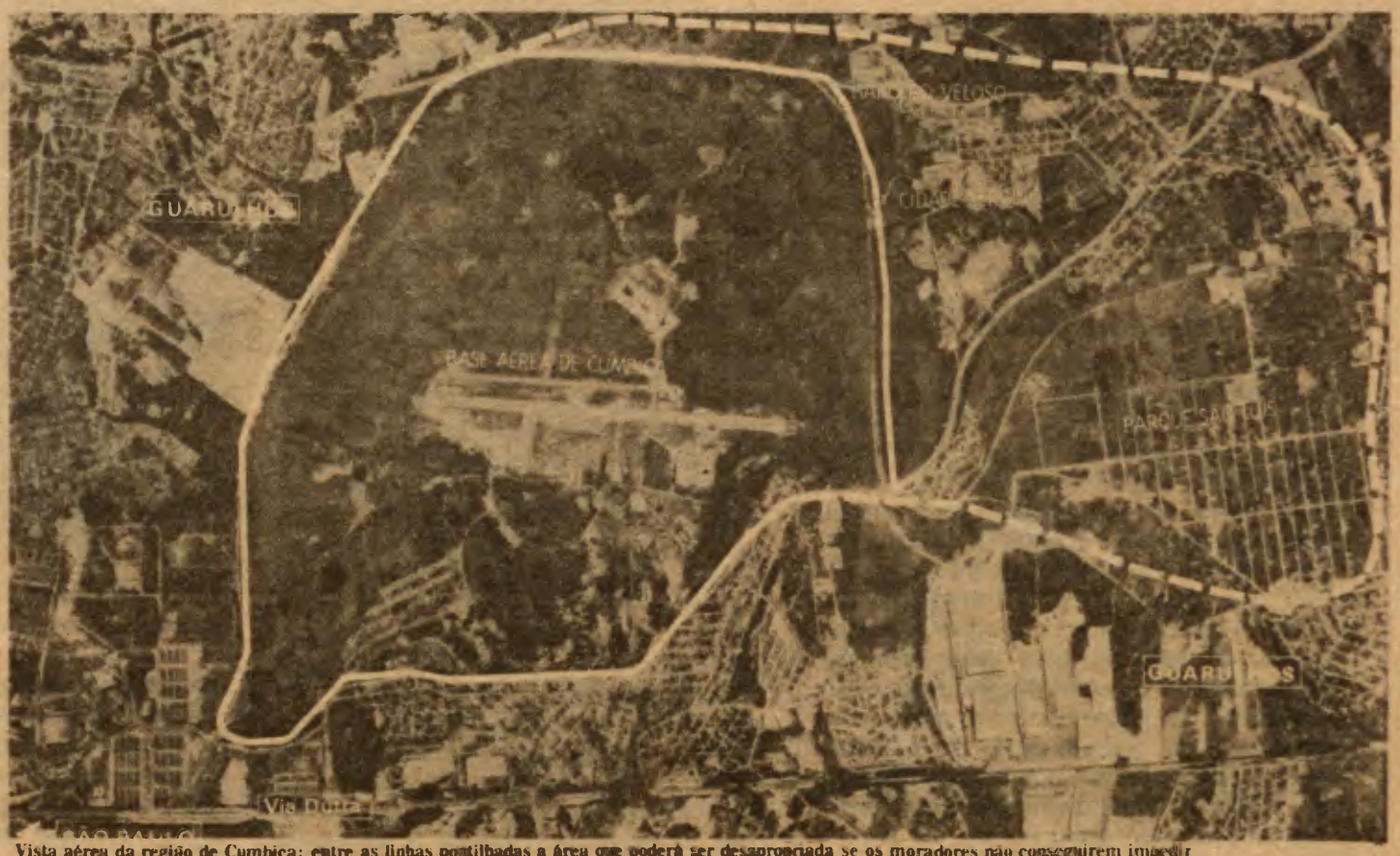
Editora Cabuçu Ltda.
Rua Luiz Faccini, 597 - sala 32.

CEP — 07000
Responsável: Névio R. Gomes.
Impressão e Composição: Diários Associados
Rua 7 de Abril, 230 - São Paulo.

Aeroporto: "Só sairemos de nossas casas mortos"

«Eu, minha mulher e os dois filhos, só sairemos de nossa casa mortos. Ninguém vai nos tirar de lá». Quem disse isso foi Joaquim Carvalho Filho, morador do Jardim Presidente Dutra, mas poderia ter sido dito por qualquer uma das mais de 500 pessoas que no penúltimo domingo de setembro, dia 23, superlotaram o salão paroquial da igreja do Jardim Presidente Dutra, para participar do encontro de moradores que estão ameaçados de desapropriação para a construção do aeroporto metropolitano em Cumbica.

Os moradores do Parque São Luis, Jardim Presidente Dutra, Haroldo Veloso, Cidade Seródio e de outras áreas ameaçadas pelo aeroporto estão muito revoltados com a decisão do governo e dispostos a fazer tudo que estiver a seu alcance para impedir a desapropriação de suas casas.



Vista aéreu da região de Cumbica: entre as linhas pontilhadas a áreu que poderá ser desapropriada se os moradores não conseguirem impedir

Comissão vai a Brasília

O ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, e o governador paulista Paulo Salim Maluf rejeitaram o primeiro projeto apresentado pela Copasp (Comissão Coordenadora do Projeto do Sistema Aeroportuário da Área Terminal de São Paulo), que previa a desapropriação de 7 quilômetros quadrados a leste da base aérea de Cumbica para a construção do aeroporto. O ministro e o governador acharam que essa área é muito grande e pediram à Copasp a elaboração de um novo projeto que abrangesse uma área menor.

Apesar da diminuição da área — fala-se que será por volta de 4 quilômetros quadrados —, os moradores da região de Cumbica não arrefeceram os ânimos e vão prosseguir a luta contra o aeroporto, porque assim mesmo as desapropriações serão grandes.

E já no começo deste mês (outubro) a Comissão de Defesa dos Desapropriados, inclusive o prefeito Néfi Tales, vai a Brasília mais uma vez falar com o ministro da Aeronáutica e tentar convencê-lo, definitivamente, a modificar os planos de contruir o aeroporto em Cumbica porque ele é inviável técnica e economicamente e vai trazer um enorme problema social para Guarulhos.

CAMPANHA ESTÁ CRESCENDO

A campanha do «Aeroporto Não» está crescendo à medida que o governo vai definindo seus planos. A Comissão de Defesa dos Desapropriados do Aeroporto de Cumbica, já colheu mais de 25 mil assinaturas e vai continuar a coleta até atingir as 100 mil.

O encontro no salão paroquial da igreja do Jardim Presidente Dutra foi apenas o primeiro de uma série que serão feitos pelos bairros ameaçados com a desapropriação. Depois, em data ainda não marcada, os moradores desses bairros pretendem fazer em Guarulhos uma passeata monstro para manifestar seu protesto contra a decisão do governo. Mas as 1500 famílias ameaçadas de desapropriação, segundo osúltimos dados do governo, poderão ir ainda mais longe, se for preciso. Esses homens, mulheres e crianças estão dispostos a até arriscarem suas próprias vidas para defender seus direitos e suas casas e, por exemplo, interditar a via Dutra como forma de protesto.

Esse desespero é justificado pela dura situação em que vivem essas pessoas. Joaquim Carvalho, por exemplo, mora há apenas um ano no Jardim Presidente Dutra. Ele veio de Santos, aposentado por invalidez em consequência de um acidente que sofreu trabalhando nas docas. «Eu recebi 52 mil cruzeiros de indenização e vim para Guarulhos. Dei 47 mil de entrada num terreno e comecei construir minha casinha. Não posso mais trabalhar, não posso fazer mais nada na vida e ainda estou pagando as prestações. Agora eles ainda querem tirar minha casa para construir o aeroporto. O dinheiro que vão me pagar (valor venal) não vai dar. Então eu não vou sair, só saio se matarem eu, minha mulher e os filhos», lamenta Joaquim.

Juscelino, morador há oito anos no Parque São Luis, tem uma história parecida: «Naquela época, paguei 4 mil cruzeiros pelo terreno e fiz uma casinha bonitinha, com sacrifício, só comia feijão e macarrão. Acabei de pôr o armário embutido e as vidraças. Quanto eles me pagariam hoje pela casa, 150 mil? E onde vou comprar outra por esse preço? Não vai ser fácil eles tomarem a minha casa. A gente só paga imposto, imposto disso, imposto daquilo, e nunca temos nada!»

VIOLÊNCIA CONTRA O POVO

Para a Comissão de Defesa dos Desapropriados, a decisão do governo é uma violência contra o povo de Guarulhos, pois não há argumento que justifique a destruição de residências, escolas, indústrias, clubes, igrejas, creches, centros de saúde e estradas pavimentadas, tudo construído com suor e sacrifício.

Uma família que perder sua casa não vai poder comprar outra por causa do preço maior nos outros lugares. Além disso, segundo a Comissão, uma família que for desapropriada e tiver que morar em outro lugar, vai ter que arrumar um novo emprego, mais perto de sua nova residência, procurar uma nova escola para os filhos e uma nova convivência social.

A desapropriação vai criar um enorme problema social, adverte um casal de bolivianos que mora há 15 anos no Jardim Presidente Dutra. O marido, químico industrial - fábrica remédio - teve que pedir demissão da Pfizer depois de 12 anos de serviço para poder construir sua casa e nunca mais conseguiu arrrumar emprego. Para a sua mulher, «a única coisa que temos é a nossa casa. Os filhos estão estudando. E pra onde vamos se perdermos a casa?».

Seu marido, entretanto, acredita que o governo ainda vai voltar atrás em sua decisão de construir o aeroporto em Cumbica, por uma questão de bom senso: «Não acredito que eles tomem uma medida inadequada e impopular como essa. Eu confio numa atitude inteligente do governo».

FALTA DE RESPEITO

Rennè Lutkus, que falou no encontro na casa paroquial em nome das mulheres do bairro Jardim Presidente Dutra, tem uma opinião diferente. Ela acha que o governo não está se importando nem um pouco com o que pode acontecer com os moradores de Guarulhos. «Tudo estava bem até que chegou esse Maluf. E nós, que não votamos, não colocamos ele lá no governo, temos de aguentar tudo isso. As autoridades deveriam vir aqui onde a gente mora e ouvir o que nós pensamos, antes de tomar uma decisão. Aí eles iam ver só».

Dona Renné diz que ainda não sabe se sua casa vai ser desapropriada, porque «em alguns mapas que a gente vê, essa região está dentro da área que vai ser desapropriada, e em outros, não». Mas ela garante que não vai sair de sua casa: «Aqui não tem água encanada, não tem esgoto, não tem asfalto, mas é o chãozinho da gente. E só saio daqui morta. Isso que eles estão fazendo é uma falta de respeito ao ser humano».

Mas, a Comissão de Defesa dos Desapropriados tem certeza que vai afastar de vez o fantasma do aeroporto e aponta como indicativo o sucesso que foi o primeiro encontro dos moradores na casa paroquial. Para isso, entretanto, é preciso que todos os moradores da área ameaçada de desapropriação se unam, convidem seus amigos e vizinhos, para levarem adiante a campanha contra o aeroporto.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ISTO LHE INTERESSA

O papel do FGTS na política do arrocho

A partir deste número, iniciamos uma série de artigos sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Além das considerações necessárias sobre as consequências que a introdução deste sistema trouxeram para as relações de emprego explicaremos seu funcionamento, as formas de levantar os depósitos, e responderemos a consultas e dúvidas dos leitores.

CRIAÇÃO E OBJETIVOS

O FGTS foi criado pela Lei 5107, de 13/9/1966, com modificações introduzidas pelo Dec. Lei 20, de 14/9/1966, diploma legal fundamental do sistema do FGTS, que regula a sua estrutura básica.

O FGTS foi a principal modificação feita até agora no direito do trabalho pelo governo militar brasileiro. Para se entender o porque da introdução do FGTS, é necessário ter claro que a «revolução» de 1964 foi feita conjuntamente pelos militares e pelos patrões. Logo após a tomada do poder iniciou-se uma vasta repressão aos trabalhadores, com intervenção nos sindicatos e prisão de dirigentes sindicais (no sindicato dos metalúrgicos de Guarulhos, por exemplo, foi decretada a prisão de 15 líderes sindicais, e nomeado como interventor o «pelego» Joaquim Andrade).

A primeira medida do governo Castello Branco, logo após o golpe, foi modificar a política salarial, introduzindo a lei do «arrocho». Com isto, conseguiu diminuir o salário real dos trabalhadores, obrigando-os a fazer horas extras para conseguir o necessário para o sustento da família e levando-o assim a trabalhar mais e ganhar menos.

CONTRA A ESTABILIDADE

Juntamente com a política do arrocho salarial, iniciou-se uma intensa propaganda governamental contrária à estabilidade no emprego, e exaltando as vantagens do FGTS. Os trabalhadores, em sua maioria, distantes de suas autênticas lideranças afastadas pelo governo militar, acreditaram no engodo do FGTS, imaginando que o dinheirinho que é depositado todo mês pelas firmas compensaria largamente o fim da estabilidade e da indenização pela rescisão do contrato de trabalho sem justa causa. O que os trabalhadores não perceberam naquela ocasião — e que agora começam a entender — é que o FGTS só veio atender aos interesses das empresas, porque permite que elas dispensem com mais facilidade seus empregados e empreguem outros trabalhadores com salários mais baixos.

O sistema anterior da estabilidade, com todas as suas imperfeições, era assim um obstáculo à política do arrocho salarial por dificultar a rotatividade da mão de obra, que é uma das formas usadas pelos patrões para rebaixar continuamente os salários. Além do mais, a extinção da estabilidade interessa aos patrões porque, sem garantia no emprego, o trabalhador tem muito mais dificuldade em reivindicar e lutar por melhores salários, condições de vida e trabalho.

Os metalúrgicos acharam pouco 50% e acabaram derrubando a proposta da Unidade Sindical. Eles querem é 83 por cento

Agora é organizar nas fábricas

Os metalúrgicos de Guarulhos viraram a mesa na segunda grande assembléia convocada para debater o índice de reajuste da categoria e decidiram que a luta é por 83 por cento sobre os salários da data base, com piso salarial de 7 mil e 200 cruzeiros. Na primeira assembléia, realizada dia 14 do mês passado, prevaleceu a posição da diretoria do Sindicato, que defendia um aumento de 50 por cento sobre os salários de maio, decisão que havia sido tirada pelos 23 sindicatos que compõem a Unidade Sindical. Essa decisão, no entanto, acabou sendo rechaçada pelas bases, porque não atendia aos interesses dos trabalhadores e foi derrubada em quase todas as assembléias realizadas até agora. Antes de Guarulhos, os metalúrgicos de São Paulo e Osasco já tinham optado pelos 83 por cento, o mesmo acontecendo com outras categorias profissionais como os gráficos, os comerciários. No caso dos metalúrgicos de Guarulhos, São Paulo e Osasco a decisão de lutar por 83 por cento representou uma vitória das oposições que, desde o início da campanha, se empenharam na defesa desse índice. Além do aumento, Guarulhos aprovou um extenso elenco de reivindicações, composto de 37 pontos. A preocupação da Comissão da Mobilização é agora preparar a campanha, levando a discussão sobre o índice e sobre as demais reivindicações até as bases, mantendo a categoria mobilizada e organizada para o que der e vier, inclusive para a greve.

Terminada a assembléia, os metalúrgicos se reuniram em grupos...

... e debateram os problemas de cada setor.

ASSEMBLÉIA QUENTE

A primeira assembléia, a do dia 14, foi bastante tensa e tumultuada. A temperatura subiu muito, com intervenções acaloradas e oposição e situação chegaram a trocar socos e pontapés, com algumas cadeiras voando pelo auditório do Sindicato. A oposição defendia os 83 por cento, baseando-se numa pesquisa feita nas fábricas e cujos resultados mostravam que um aumento que oscilasse entre 80 e 90 por cento era o mais desejado pelas bases. Por escassa maioria, venceu a proposta da diretoria. Essa proposta incluía um elenco de reivindicações que foi aceito quase por unanimidade pela assembléia. O elenco traz antigas e importantes reinvindicações dos trabalhadores, como revisão salarial trimestral baseada nas estatísticas elaboradas pelo DIEESE; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem diminuição do salário; estabilidade aos Delegados Sindicais e Comissões de Fábrica e substituição com salários iguais, sejam elas temporárias ou definitivas. Em relação a esta última reivindicação faltou eleger uma comissão de sindicância que pudesse fiscalizar o cumprimento desse item, caso ele seja aceito pelos patrões. Uma comissão dessa natureza encontrará certamente a resistência patronal, mas é preciso que os trabalhadores comecem a pensar em mecanismos que garantam o cumprimento de suas conquistas, porque muitas vezes os patrões, pressionados, aceitam certas exigências na mesa de negociações, mas encontram maneiras de burlá-las na prática.

A VOLTA POR CIMA

A decisão de São Paulo e Osasco, aprovando os 83 por cento, contribuiu muito para mudar as posições em Guarulhos. A oposição continuou defendendo sua proposta inicial e o Sindicato acabou se curvando aos fatos. Na assembleia do dia 28 , alguns diretores afirmavam que a aceitação dos 83 por cento não se constituiria em problemas, porque Guarulhos já havia decidido seguir a decisão de São Paulo. Faltou sensibilidade à diretoria para se antecipar à essa decisão, interpretando os sentimentos das bases e evitando ser atropelada por elas.

E, realmente, a virada na situação, saindo da reivindicação dos 50 para 83 por cento, não encontrou resistência por parte do Sindicato. A Assembléia foi rápida e encerrou-se logo. Mas, a oposição e a Comissão de Mobilização não aceitaram o fim brusco dos debates e convocaram o pessoal para permanecer no plenário, discutindo a campanha. Foram então formados vários grupos, divididos por setores, que analisaram as diferentes formas de luta. No final, a Comissão de Mobilização com base nos relatórios desses grupos, esboçou um programa de lutas para a categoria. Entre as sugestões da Comissão estacam-se reuniões todas as sextas-feiras; criação de subsedes nos diversos setores; unificação das três comissões de mobilização (São Paulo, Guarulhos e Osasco) para a formação do Comando Geral; debates para esclarecimento do índice; formação de grupos de fábricas com o fortalecimento dos já existentes e que desconto dos 100 cruzeiros proposto no elenco de reivindicações seja destinado ao Fundo de Greve.

O EXEMPLO DO PASSADO

No ano passado, os metalúrgicos de Guarulhos fizeram uma das campanhas mais movimentadas desde 1964. Mas, os resultados foram magros e provocaram descontentamento e revolta em muitos trabalhadores. A campanha começou em setembro e desembocou na greve de 29 de outubro. Dois dias depois, o Sindicato defendia a volta ao trabalho, pois achava bom o acordo. Uma votação secreta, onde só participaram os associados, pôs fim ao movimento. Mas, alguns pontos do acordo eram obscuros e só ficaram claros quando os trabalhadores receberam os seus holleriths: o acordo descontava os aumentos obtidos com as greves de junho/julho e também os dias parados. Muitos associados, em protesto, rasgaram as carteirinhas do Sindicato.

Químicos pedem 50% mais 4 mil

Dia primeiro de novembro é a data base para o reajuste dos trabalhadores nas indústrias químicas de Guarulhos.

Na assembléia que deu início à campanha, compareceram somente cerca de 40 trabalhadores. Nela foram decididas as principais reivindicações que serão levadas para as negociações com os patrões: reajuste de 50% mais Cr$ 4.000,00, garantia de emprego e delegados sindicais eleitos pelos operários em cada fábrica.

Durante o mês de outubro, o Sindicato dos Químicos realizará assembléia para discutir a contraproposta dos patrões. Somente com os trabalhadores químicos se organizando nas fábricas, comparecendo ao sindicato e participando maciçamente da assembléia é que se conseguirá um aumento decente, diz o presidente do Sindicato.

CERÂMICA

Foi assinado acordo para o reajuste dos salários dos trabalhadores nas indústrias de cerâmica de Guarulhos, a vigorar a partir do dia 1º de outubro. O aumento concedido foi o seguinte: 63% para os trabalhadores que ganham de 1 a 3 salários mínimos; 60% de 3 a 5 s.m.; 52% de 5 a 7 s.m.; 50% de 7 a 10 s.m.

Abrasivos têm aumento de 60%

O Sindicato dos Químicos de Guarulhos firmou acordo com os patrões referente à categoria do setor de abrasivos, que é composta de cerca de 1800 trabalhadores. Os salários serão reajustados sobre os salários vigentes em 1º de outubro de 1978, descontando portanto qualquer antecipação que tenha sido dada durante o ano, na seguinte proporção: piso salarial: Cr$ 4.080,00 ou um salário hora de Cr$ 17,00; para os que ganham até Cr$ 9.000,00 o reajuste será de 60%; de Cr$ 9.000,00 a Cr$ 15.850,00 será de 54%; de Cr$ 15.851,00 a Cr$ 22.680,00 será de 50%; acima deste limite o valor do reajuste é do índice oficial referente ao mês de outubro.

No mês de fevereiro será concedida antecipação de 4/12 do Índice Nacional de Preço ao Consumidor (INPC). Em 1º de abril haverá aumento pela lei de reajuste semestral (ver matéria na pag. 2). Em 1º de agosto também será concedida antecipação à base de 4/12.

Além das cláusulas tradicionais, o acordo inclui também garantia de emprego para trabalhador por 45 dias, a recomendação de que sejam evitadas as horas extras e seu pagamento «porta a porta» quando o trabalhador for chamado em casa para trabalhar.

Greve em Minas derrota pelego

A violenta repressão policial, que provocou a morte do operário Guido Leão dos Santos, não impediu que os 15 mil metalúrgicos de Betim, em Minas Gerais, entrassem em greve e deixassem a ver navios o presidente do sindicato local, Nadir Antonio Pinheiro, que assinara um acordo com os patrões sem consultar os trabalhadores que o elegeram.

No dia seguinte, os operários de Betim receberam a adesão de mais 40 mil metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, que também conduziram sua campanha salarial com base na reivindicação de 80 por cento de aumento. Além das ameaças dos patrões de demitir os grevistas, os trabalhadores foram atacados pela polícia, que usou bombas e cargas de cavalaria contra os piquetes. Um operário foi morto, vários ficaram feridos e dezenas foram presos.

O presidente do sindicato dos metalúrgicos de Betim é que se deu mal, ao assinar um acordo que concedia 58 por cento de aumento aos trabalhadores sem ao menos consultá-los. Os operários, descontentes com o índice e com os métodos do dirigente, passaram por cima dele e mostraram que o tempo dos pelegos está chegando ao fim.

No Rio, o melhor acordo salarial

Entre os acordos salariais do mês de setembro o melhor foi o dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, que após greve de uma semana conseguiram 79% para quem ganha até 3 salários mínimos. É verdade que a coisa ainda está um pouco confusa, pois os patrões querem ficar nos 73%. Também é verdade que este aumento ainda é baixo em relação aos 83% sem descontos, para todas as faixas salariais, que era a proposta dos trabalhadores.

O piso da categoria é que ficou pequeno: só Cr$ 3.900,00. A categoria aderiu em peso à greve, que foi decretada numa assembléia com 10 mil participantes, e que teve piquetes e passeatas na região das fábricas cariocas. Também numa grande assembléia, a categoria resolveu suspender o movimento.

Já em Pernambuco, os metalúrgicos resolveram fazer acordo algumas horas antes de começar a greve que haviam marcado para o dia 25 de setembro. Aceitaram a proposta patronal de 70% de aumento para quem ganha até 4 mil, 63% até 7 mil, 58% até 10 mil e 50 até 15 mil. Uma vitória interessante conseguida pelo bom grau de mobilização no Recife foi a estabilidade por 1 ano para a comissão de salário.

J. C. MARINHO
Advocacia
João Carlos Marinho
Orlando Cruz Leite

Consultas trabalhistas gratuitas

Rua Capitão Gabriel, 183 — 1º andar — salas 1 a 3 — Fone: 209-1868
Horário: das 9 às 11,30 horas e das 16,00 às 20,30 horas

Aos sábados atendemos no mesmo horário

MADEIRAS LÉO LTDA

MADEIRAS LÉO LTDA.
especialidades

Madeiros Compensados, Serradas, Aglomerados Portas, Fórmica, Eucatex, Duraplac, Duratex Tábuas de Pinho, Formas para Concreto, Chapas Naval

FERRAGENS
SÃO PAULO
Rua da Gazômetro, nº 265 — Brás
PBX 229-4822

CAUSAS TRABALHISTAS
DR. SAMUEL SOLOMCA
Advogado
Levantamos seu FGTS (Fundo de Garantia) em qualquer código. Férias, 13º Salário, Aviso Prévio
Rua 9 de Julho, 175 — s/45
Fone: 209-2410
Prédio da Justiça do Trabalho
Guarulhos

ANÚNCIOS POPULARES

INSTITUTO CLÍNICO RADIOLÓGICO DE GUARULHOS — Carteiras de Saúde, Abreugrafia para fábricas, escolas, clubes, Detran etc. Chapas (Radiologia) em geral. Atendimento imediato. Entregas no mesmo dia. Rua Laia da Gama, 141 — Centro — Guarulhos

O REI DOS PINTOS — Rações, alimentos para pássaros, sementes, vasos, gaiolas, adubos e produtos veterinários. Grande variedade de mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Avenida Monteiro Lobato, 309 — Guarulhos — Centro. Fone: 208-5410.

SAPATARIA MOTTA — O rei dos tamancos. Vendemos também sandálias, chinelos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral. Aceitamos encomendas. Rua Cerqueira Cesar, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II). Guarulhos.

REFRIGERAÇÃO TABOÃO — Oficina especializada em conserto de geladeiras domésticas. Enrolamento de motores. Atendimento domiciliar. Garantia de assistência técnica. Rua B, nº 6. Jardim Kawamoto — Taboão — Guarulhos.

Transporte coletivo, aeroporto, bairros e política vistos por um vereador guarulhense

Kan Kise bota a boca no mundo

Aeroporto, transportes coletivos e problemas dos bairros são as principais preocupações hoje, em Guarulhos. Uma das figuras guarulhenses que mais se interessam por eles é o vereador Kan Kise, que vive há 20 anos na região de Cumbica onde desenvolve um trabalho comunitário e está à frente do movimento contra o Aeroporto. Em conversa com O REPORTER DE GUARULHOS, Kise diz o que pensa de todos esses problemas e fala um pouco da política local, que para ele é também um problema.

A maioria de nossos leitores reclama constantemente dos transportes coletivos da cidade. Como é que você vê esse problema?

«Falar em transporte em Guarulhos é crime, é tabu...»

Kise — O problema é gravíssimo a cada dia que passa fica pior porque ninguém se manifesta. Falar do transporte coletivo em Guarulhos, é crime, é tabu. Não se pode falar nisso, senão o pau come. Eu tenho feito um trabalho restrito ao meu bairro e poderia estender a toda cidade. Mas aí eu iria chamar pra cima de mim toda essa gente que defende os interesses de alguns grupos da cidade e ficaria praticamente queimado politicamente. Mas procuro levantar o problema sempre que possível. Uma ocasião as Sociedades Amigos dos Bairros fizeram um seminário sobre transporte e eu disse: vocês fazem uma vez e nunca mais vão fazer. E realmente aconteceu, porque é proibido falar em transportes nessa cidade. O povo aqui sofre violentamente, é tratado como gado, como sardinha enlatada enquanto os empresários têm um lucro fabuloso.

E ainda tem vereador na Câmara, como o Ribamar, que tem a coragem de apresentar um projeto reduzindo a taxa do Imposto Sobre Serviço das empresas de ônibus. Em Guarulhos, as empresas de ônibus pagam 0,5% de ISS enquanto um trabalhador autônomo está pagando 3%, é um absurdo. Na época em que o Ribamar apresentou o projeto eu briguei e somente três vereadores estavam comigo e votaram contra, o resto simplesmente calou a boca, ninguém se manifestou. Fica difícil mexer nessa área de transportes, porque existe um monopólio e a gente reclama mas não funciona. O problema não é só de Guarulhos, eu sei disso. Pra vocês terem uma idéia, a gente reclama, mandam os fiscais aqui e depois eles vão almoçar com os donos das empresas.

Aliás, o próprio secretário dos transportes estava reclamando, na última vez que nós estivemos com ele, que não é possível trabalhar com essa gente, que esperava que a EMTU — Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos pusesse fim a esse estado de

«Fujo do esquema deles, não baixo a cabeça e faço meu trabalho...»

coisas. Agora, a gente sabe que, geralmente, esse pessoal da Secretaria dos Transportes é muito ligado com os donos de empresa de ônibus. Você vê aí, o Alcides Franciscato, deputado federal, é dono de empresa, esse pessoal usa a política em benefício próprio, são grupos muito fortes. Então, fica difícil resolver o problema. A meu ver, não é impossível encontrar-se uma solução. Existem dois caminhos: um, é pela mobilização popular, que é difícil porque o jornal local não ajuda, está nas mãos desse grupo. O outro é ter um prefeito isento, sem ligações com os empresários. Se houver uma concorrência pública, hoje, em Guarulhos, tem um bocado de gente interessada em participar, porque transporte coletivo aqui, pode não dar lucro hoje, mas futuramente, é o maior negócio devido ao crescimento da cidade.

E o aeroporto, Kise, vem ou não vem?

Para nós, não vem. E não é chavão,não. Nós marcamos posição com fundamento. Não é só porque o povo não quer, o governo também vai ter dificuldade em trazer o aeroporto para cá. Até agora, o governo não gastou dinheiro e nem entrou em contato direto com o povo, mas vai chegar o momento em que ele vai ter que arranjar dinheiro e se confrontar com o povo. E aí a coisa complica. O governo pensa que vai ser fácil remover esse pessoal, como foi fácil desapropriar o pessoal da área do Metrô. O negócio não é bem assim: desapropriar é fácil, o duro vai ser remover o pessoal. Eles não conseguem remover nem favela, quanto mais o povo daqui que já está mais conscientizado. Fazer uma desapropriação no centro de São Paulo é muito diferente, os terrenos lá são mais valorizados, o sujeito recebe indenização alta e tem várias opções para onde se mudar. Pode ir para a Grande São Paulo, ou até para Cumbica mesmo, onde os terrenos são baratos. E o pessoal daqui, pra onde vai? São cerca de 75 mil pessoas que não terão pra onde ir, porque vão receber o mínimo por seus terrenos. Vão ficar aqui mesmo e esperar que o governo venha removê-los.

E para isso, o governo vai ter que encontrar um outro local e a coisa vai ficar como remoção de favela: não vão conseguir nunca. E depois, quem mora aqui, veio pra cá para ficar mais perto das indústrias onde trabalham, tem gente que tem 10, 15 anos de serviço e não vai querer perder seus empregos, emprego hoje está difícil. E mais uma coisa: não é só o aspecto material da questão, existe o lado humano: todo mundo trabalhou para organizar a comunidade, construiu igreja, clube, escola e não vai abandonar tudo isso sem luta. Vamos esperar. Eu acho que aeroporto, não.

E o MDB em Guarulhos, como é que vai?

A política guarulhense, em geral, vai mal. Todo mundo tá só defendendo seus interesses, tudo gira em torno de interesses econômicos. O MDB também. A Câmara Municipal não passa de uma agência de despachantes, o pessoal ta lá pra aprovar tudo que vem da Prefeitura. Os interesses do povo

«Desapropriar é fácil, o duro vai ser remover o pessoal daqui...»

mesmo não são discutidos, nem tampouco suas reivindicações. Os vereadores arranjam um empreguinho aqui, um atestado de residência ali, fazendo papel de despachante. Ninguém sabe dizer não. E quando há retaliação em cima de mim, é porque eu não baixo a cabeça pra essa turma. Quando o jornal local não cita meu nome, de vez em quando, é para mostrar aos outros: «tá vendo o que aconteceu com o Kise? É melhor vocês ficarem quietinhos». É isso, porém eu faço meu trabalho e fujo do esquema deles. E o povo reconhece.

O REPÓRTER NOS BAIRROS

No Parque Uirapuru muitos são os problemas que afligem os moradores: não há posto de Saúde, a única escola existente não tem o 2º Grau, muitas ruas ainda são intransitáveis, só há iluminação em três ruas, a única linha de ônibus é péssima etc.

Como se tudo isso não bastasse, ainda é cobrada dos moradores uma taxa de lixo, que há seis dois anos vem sendo paga junto com os outros impostos, embora o serviço não seja executado. Nas raras vezes que passaram caminhões para a coleta por algumas ruas do bairro, o lixo não foi recolhido de todas as casas. E essa situação se agrava, pois a população do Parque Uirapuru tem crescido muito e são poucos os terrenos baldios onde os moradores podem despejar o lixo.

A informação que a sociedade Amigos do Uirapuru conseguiu é que a Prefeitura teria assinado um contrato de 10 anos com a firma Quitaúna, que então se responsabilizaria pelo serviço — o que nunca aconteceu. Além disso, muitas ruas do bairro teriam de ser arrumadas para que os caminhões pudessem passar por elas.

Mas os moradores se cansaram de pagar pelo serviço que não recebem, e já estão preparando um abaixo-assinado que será encaminado ao prefeito, reivindicando a devolução do dinheiro pago pela «coleta de lixo» que não houve.

• • •

No Jardim São Domingos, Taboão, não tem Sociedade Amigos de Bairro, mas tem uma atuante comunidade eclesial de base da Igreja do Taboão, que tem estado na frente das lutas pelo bairro. Agora o bairro todo vai ter uma outra vitória: vai subir água, esgoto e asfalto até o Jardim. É a promessa que fizeram três engenheiros da Prefeitura que lá estiveram. E como o asfalto só vai cobrir a rua principal, o pessoal aproveita para reivindicar cascalho nas outras ruas que são muito lisas ou poeirentas.

• • •

Os moradores do Bairro dos Morros e do Jardim Sta. Francisca contam agora com sociedades Amigos de Bairro (SAB), recentemente fundadas.

A sede da Sociedade Amigos do Jardim Santa Francisca fica à rua J, nº 74, perto do Guaru Center. No Bairro dos Morros, que engloba o Jardim Célia, Jardim Diogo e Jardim dos Afonsos, a sede da sociedade fica na rua São Rafael, nº 4.

O grande campeão do segundão foi a Belzer, ao vencer a Iderol na final

Nível realmente surpreendente foi o que apresentaram os times que participaram dos jogos preliminares do I Torneio da Solidariedade. Todas as partidas foram intensamente disputadas, não se registrando uma goleada sequer.

Os primeiros colocados dos grupos foram a **Belzer** e a **Iderol**. A Belzer classificou-se após vencer todos os seus adversários: Melt, Barber Greene e Oposição. A classificação da Iderol foi bem mais difícil: empatou com a Forest e a Cindumel, e venceu a Fracalanza, conseguindo a classificação com méritos.

No dia 22 de setembro, afinal aconteceu o jogo decisivo para definir o campeão de segundão do I Torneio da Solidariedade. A **Belzer** alinhou com: Coelho, Zachi, Gilberto, Cristovão, Expedito, Antonio José, Aparecido, Santiago, Gildásio, Ednei e Nicodemo. Pela **Iderol** jogaram: Delci, Clóvis, Geraldo, Moura, Marcos, Eustáquio, Roberto, Penha, Walter, Mariscéli, Celso e Antonio.

O jogo foi muito nervoso e disputado. A Belzer saiu na frente, marcando o seu primeiro gol. A Iderol, animada pela sua torcida, reagiu e acabou empatando. Mas a Iderol se desgastou muito para conseguir o empate, fazendo muitas reclamações e tumultuando o jogo. O juiz realmente estava mal, mas seus erros prejudicaram os dois times, não influenciando diretamente no resultado do jogo.

O time da Belzer, mais bem postado em campo, marcou o segundo gol, mantendo daí em diante o controle do jogo até o seu final, conseguindo assim levantar o troféu de campeão.

O time, liderado por Zachi, recebeu o troféu, oferecido pelo REPORTER DE GUARULHOS, com muita festa e entusiasmo.

Zachi e seus companheiros comemoram a conquista

O segundo time da Belzer, campeão do I Torneio da Solidariedade

A equipe titular da Forest apresentou um bom futebol e foi vice-campeã

Forest, vice

O time da Forest acabou ficando com o 2º lugar, num jogo muito disputado contra a Nelt, perdendo a taça por 2 a 1. Na 1ª rodada a Forest tomou um gol da Iderol, mas conseguiu reagir nas seguintes; derrotou a Fracalanza por 2 a 0 e ainda venceu a Cindumel. Os craques vice-campeões são: Geraldo, Lustosa, Ademir, Gilvásio, Bernardo, Carlos, Claudio, Gutierre, Campos, Amauri, Gouveia, Lima, Denis, Xavier, Barretos, Hélio, Romualdo e Pedro.

LIVRARIA TEMPOS MODERNOS

Agora você já não precisa mais ir a São Paulo para comprar o livro que necessita.
Venha comprovar. Rua Luiz Gama, 153
Centro — Guarulhos

Dr. José Humberto Costa
CIRURGIÃO DENTISTA

Av. Silvestre Pires de Freitas, nº 111
(Perto da Praça 8 de Dezembro)
Taboão — Guarulhos

MELT VENCE O TORNEIO E FICA COM O TROFÉU

O I Torneio da Solidariedade chegou ao final e o campeão não poderia ser outro. Desde a primeira rodada, a equipe da Melt mostrou que estava preparada para ficar com a taça.

O REPÓRTER esportivo
ANO III — Nº 18 outubro de 1979 Cr$ 3,00

Com uma campanha brilhante, a equipe da Melt sagrou-se campeã do I Torneio da Solidariedade. O jogo final contra a Forest foi tranquilo, sem reclamações, mas muito disputado. Apesar do equilíbrio da partida, as melhores oportunidades de gol foram da Melt. Um cruzamento da direita não foi interceptado, o ponta-esquerda da Melt cabeceou contra o chão, e, quando o goleiro se preparava para encaixar a bola, o quarto-zagueiro, num lance de incrível infelicidade, tocou a bola para o fundo de suas redes. A Forest ainda conseguiu empatar no finalzinho do 1º tempo num chute longo e despretencioso que o goleiro da Melt espalmou para dentro de sua própria meta. No segundo tempo, o desempate foi conseguido por Eufrásio, na cobrança de um escanteio, fazendo o único gol olímpico do Torneio e talvez o mais bonito.

Ademir tenta cortar, Hélio tenta defender, mas a bola vai entrar

A Melt, equipe campeã, exibe o troféu

GUARU SPORT
Artigos Esportivos
Preços especiais para grêmios e colégios
GUARUSport
Rua Felício Marcondes, 83 - Fones: 208-0678 e 209-6386

COLUNÃO

Um Torneio com muita luta e Solidariedade

As três rodadas de classificação e mais a rodada decisiva do Torneio foram disputadas sob todas as condições de tempo: com chuva, com sol, com barro, com barro seco. Isso serviu para provar que campo não aumenta ou diminui futebol de ninguém e que mau tempo não afasta torcida quando o jogo é bom. Em todas as partidas houve maciço comparecimento de torcedores e assistiu-se a um futebol de altíssimo nível. Quem viu o Lau, da Belzer, ou Paulinho, da Melt, ou Coval, da Barber Greene saiu com a certeza de que a várzea tem jogadores de fazer inveja a muito time grande.

...

Na final entre Melt e Forest, Ademir, quarto zagueiro da Forest vinha sendo um dos melhores jogadores em campo. Hélio, o goleiro, além de boa presença na partida era, até aquele momento o melhor goleiro do Torneio e o único que não havia tomado nenhum gol, mesmo jogando todas as partidas da competição. Os caprichos da bola uniu esses dois jogadores num lance de infelicidade. Uma cabeçada fácil de ser rebatida e mais fácil ainda de ser defendida, acabou entrando no gol com a participação de ambos. São essas coisas que tornam o futebol imprevisível e por isso mesmo empolgante. Foi uma pena que o acaso tenha alterado os rumos da partida e talvez as mãos em que teria ficado o troféu.

...

Campeã com todos os méritos, a Melt mostrou que taça se ganha com organização, disposição de luta e, obviamente, com futebol. Parabéns aos vencedores que mostraram tudo isso e muito mais. Aos atletas Roberto, Teixeira, Carvalho, Rogério, Sinval, Paulinho, Claudinei, Frangão, Carlinhos, Wilson, Wagner, Isaac, Marciano, Sousa e Eufrásio as homenagens de O REPÓRTER DE GUARULHOS pela brilhante conquista.

...

De parabéns estão também Frangão e Roberto, os organizadores do Torneio. Apesar do curto espaço de tempo que tiveram para a preparação, o sucesso foi tão grande que agora já pensam em um campeonato de futebol industrial. É isso aí, Bola pra frente, moçada.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM